

EM UM MINUTO

Inmaculada Alvear

Tradução: César Maier

I

AMAL

Hoje me armei de coragem

E fui ao seu encontro

Meu corpo parecia o de um passarinho nas mãos de um estranho

respirava mas não conseguia me acalmar

Há dias que quero fazer isso mas não consigo

Não sei o que ela pode me dizer

Além disso está sempre escutando música e pode ser que se incomode se a interrompo

Tem cara de assustada, desde que a conheço sempre a mesma cara, como se o mudo

fosse lhe fazer algo mal

Mas ao mesmo tempo tem um olhar limpo, tão cristalino como o mar do meu povoado,

por isso gosto dela, por isso...

Hoje eu me atrevi.

ELVIRA

Me pegou desprevenida, na esquina

Antes de chegar em casa

Pôs o dedo na boca

Eu ia escutando música, quando estou melancólica posso escutar a mesma canção umas

cem vezes

E tive medo, que queria fazer comigo?

Seus olhos escuros me chamando

Sua mão estendida, assim

Tem razão Matias, dá medo, esse lenço, esses olhos, essa pele escura

Depois do que aconteceu, a gente olha com suspeita todo aquele que nos parece um

pouco estranho

Me disse que queria ajuda

Ajuda?

Me vieram tantas coisas à cabeça: Meu Deus por que será que quer ajuda?

Por que a mim?

AMAL

Senti seu tremor e meu tremor
E isso me deu força
Seu medo e meu medo nos uniram
Respirei fundo para encontrar as palavras adequadas no mais profundo do meu interior
O último resquício que me restava
Tinha tentado tantas vezes
Acho que esta vez será a última
A última vez

ELVIRA

Olhei ao meu redor
A gente deve se assegurar de quem pode te ver num momento desses
Se aproximou um pouco mais
Não sei porque, **abri um pouco a guarda, depois mais**
Ela tremia, eu também e quis correr
Mas sentia que uma força que vinha da terra me impedia de me mover
Corre! Me dizia a cabeça e meus pés continuavam ali
Não consegui me mover! Meu Deus! Que faço aqui parada?
Só pude estender meu braço para impedir que se aproximasse mais
Ela baixou os olhos
Quando deu um novo passo até mim, assustada, eu também baixei os meus

AMAL

Me aproximei
Seu braço se estendeu como um muro
Estou tão acostumada com os muros que peguei sua mão e a acariciei
Quero fazer uma associação
Tive coragem de me aproximar um pouco mais
Para integrar as mulheres muçulmanas ao bairro
Para que aprendam seus costumes
Para que suas crianças possam brincar com as nossas
Para...
Está me ouvindo?
O que você acha...

ELVIRA

Eu quis lhe dizer: Não se aproxime mais, mas pegou minha mão e a acariciou
Afastei minha mão com nojo
Meu Deus porque essas coisas têm que acontecer comigo!
E de minha boca saíram, como uma cuspidinha, algumas palavras

Sei! Isso se faz quarta-feira às doze e meia da noite!
Seu sorriso ficou congelado no ar
Me deu vergonha o que eu disse
Era como se Matias tivesse falado por minha boca
Matias que anota tudo
Matias que a vigia como a uma terrorista
Que sabe todos os seus horários
Que sai às doze e meia da noite às escondidas as quartas e quintas
Olha ela lá! Olha ela lá!
Sem véu! O que eu te disse? Sem véu!

AMAL

Fui embora
Talvez não tenha me entendido bem
Talvez não seja uma boa idéia
Talvez seja somente um sonho
Um sonho de muçulmana louca que não sabe pra onde quer ir
Que acredita...
Em que acredita?

ELVIRA

Quis dizer que sentia muito, mas não disse nada
Quis dizer que era uma idéia maravilhosa
Mas não disse nada
Trabalho em uma creche e sei o que faz a imigração
Integrar crianças é meu trabalho
Colombianos, chineses, negros, traços, olhos, mãos, pele, cor, sobretudo presto atenção
na cor
Lhes ensino canções e eles me olham assustados
E a ela, por que não ajudaria a ela?
Tinha restos de pintura em suas mãos, umas mãos escuras que se aproximaram quase
tremendo
Me dá tanto medo tocá-la

AMAL

Tinha medo em seus olhos
Olhou para minhas mãos com nojo
la dizer que era henna, um costume
la lhe mostrar meus tornozelos
Sorri acreditando que ela gostaria de vê-los
Mas ela me disse

Isso se faz as quartas-feiras às doze e meia da noite
E já não soube o que dizer

II

MATIAS

Sei os seus horários de memória
Desde que se mudaram pra cá, anoto tudo
Vejo o saguão da minha janela, seu quarto também
E o olho mágico
O olho mágico se transformou em minha ajuda de câmara
Três cadernos com todos os seus movimentos
Quando não consigo anotar, digo a Elvira que o faça
“Segurança Nacional” ou você já esqueceu o que se passou
Entra e sai gente todo dia
Deixando a escada empestada com seu cheiro
À tarde, a casa se enche de mulheres
Mulheres com véus coloridos
Mulheres que gritam e não me deixam fazer minhas palavras cruzadas em paz
Que perturbam minha sesta e minha tranqüilidade
Escuto sem entender nada e isso me deixa de mau humor
Um complô com certeza
“Ao estilo andaluz”
Debaixo de suas túnicas, de seus véus, com certeza escondem algo

ELVIRA

Mas o que podem esconder?
O que?

MATIAS

Você anota, só anota
E deixe a mim as conclusões
Sabe que eu tenho olfato, quando passeio com meu cão pelo campo não me escapa
nenhuma presa, não é verdade?
Então por que duvida?

AMAL

Vêm e me perguntam
Querem saber
Saber o que se come aqui

O que estudaram suas filhas no colégio
Por que não gostam do nosso véu, da nossa forma de vestir
Eu também gostaria de saber
Saber por que perguntam a mim
Por que eu
Por que há um senhor que olha sempre do outro lado da minha janela e anota tudo o que
fazemos
Eu lhes peço que abaixem a voz
Mas elas se sentam sem me escutar e cantam canções que nos recordam nossa terra
Algumas choram
E comemos doces de mel e pistache que trazem escondidos em suas túnicas
Doces que me recordam o sol dourado do meu país quando se põe nas montanhas

MATIAS

Hoje, Elvira se atrasou um segundo e cinqüenta segundos do seu horário habitual
Meu Deus quase dois minutos
O chá ficou frio, com certeza!
O que terá lhe acontecido?

ELVIRA

Tinha que ter lhe explicado:
Escuta, não posso chegar tarde, meu marido...
Mas lhe disse: Isso se faz as quartas-feiras às doze e meia da noite!
Se Matias me vê com essa mulher, me mata
Quantas vezes me repetiu que não me aproxime dela. Quantas!
Mas quando me olhou
Mas quando seus olhos e meus olhos se cruzaram eu pensei: É igual a mim!
O que estou dizendo! Sua pele é áspera, um pouco mais escura
Bastante mais escura!
Mas seu olhar é cálido
Não pode ser igual a mim!
Matias disse que são...
Mas agora diante de mim
Por isso talvez lhe disse isso
Com certeza Matias sabe que cruzei com ela!

AMAL

Ensino português a árabes em uma universidade
Desde pequena sempre gostei do Brasil
Olhava o mar e me via dando um salto de gigante para chegar aqui
Saio às seis e um minuto porque o ônibus passa às seis e dez

Mas hoje quis sair antes para cruzar com ela
Hoje, que tive um pressentimento logo depois de acordar
Passei dias esperando esse momento, esta intuição
Finalmente me ocorreu
Às vezes vejo ela vindo pela outra calçada
Sempre nos olhamos de soslaio, eu gosto dela
Hoje a esperei na esquina
Agarrei sua mão
Sua pele era suave
Seu olhar de medo
Coloquei meu dedo na boca e sussurrei:
Preciso de ajuda

ELVIRA

Ajuda?
Me assustei ao ver a hora
Tinha me atrasado e esqueci de mudar de calçada, ia com a cabeça em outra coisa
Meu Deus! Matias deve está me esperando, pensei
Com o chá preparado
O caderno, o relógio, as palavras cruzadas e estes binóculos que pendura assim que chega
do trabalho
Nada, me entretive, direi sem olhar pra ele
Uma mãe chata. Seu filho não parou de chorar o dia todo
Você já sabe, explicações, porquês
Seu filho não se acostuma com a creche, só quer ficar com sua mãe
Eu insisto: Dê um tempo, senhora, a senhora vai ver
Mas não sei se o tempo serve de alguma coisa

MATIAS

Você está alterada
Com a cara pálida
O chá esfriou
Sabe que eu fico te esperando
Olhei para ela fixamente
Senti seu cheiro de passarinho assustado e entendi
Merda! Cruzou com a mulher muçulmana!
Está vendo como não posso te deixar só!

ELVIRA

Mas o que você está dizendo?
Torci o gesto, a boca, a raiva

Meu bloco de anotações caiu aos meus pés
Não sabe o que é escutar uma criança chorar o dia todo porque não se sente bem
Porque não se sente confortável
Porque não se integra
Por que tive de dizer esta maldita palavra?

MATIAS

Ela saía quando você chegava
Na esquina, não é verdade?
Sabe que ela sai às seis e um minuto
Não sabe?
Sabe

ELVIRA

Não consegui fazer outra coisa
Todos os dias atravesso a calçada: como você me pediu
E você sabe que eu sempre olho para o outro lado
Olho como olham muitas de minhas vizinhas
para o outro lado simplesmente
Mas o que há de mal em cruzar com ela uma vez? Pensei
Sim, hoje passei mais perto, mas também olhei para o outro lado. Não é isso o que
queria? Diga. Não é isso?
Você sempre disse que gostaria de vê-la de perto, não foi?

MATIAS

Claro! Eu sou o que faz apontamentos, o que toma notas
Se te acontecesse alguma coisa
Qualquer dia pode te dar um pacote
E então? O que faremos?

ELVIRA

Mas eu somente cruzei com ela!
Não aconteceu mais nada!
O desenho do menino que esteve chorando por todo o dia escorregou da minha pasta e
caiu como um presságio no chão
Um desenho triste, um sol escuro, umas nuvens cor de cinza
E me vi ali, refletida

MATIAS

Mas vocês se olharam, não foi?
Você não conseguiu resistir, apesar de que...

Caralho! E olha que te disse tantas vezes
Sabe por quem faço tudo isto?
Olha pra mim! Sabe por quem o faço, não sabe?

ELVIRA

Quis me sentar ao seu lado como todos os dias
Mas seu gesto já não era o de sempre, o chá já não me parecia como o de antes e suas
palavras cruzadas tinham se paralisado em uma letra, uma palavra que rabiscou com
raiva:
De pé, olhando para ele, abri a boca e quis lhe dizer: Se visse como é bonita, muito
bonita!
Mas olhei para suas palavras cruzadas rabiscadas e calei

MATIAS

Não quero saber, porra!
Não me diga
Já sabe que eu não gosto que me dê o resultado das palavras cruzadas, me incomoda que
se faça de esperta comigo
Com certeza que até te pareceu bonita
Será que você é idiota?
Nem mesmo prestou atenção no seu cheiro, não é?
A mim me chega seu cheiro do outro lado da janela
O cheiro de suas mãos cozinhando, de seus corpos escuros, o cheiro do seu...
Você não entenderia
Anda pombinha! Vem senta ao meu lado

III

AMAL

Outro dia que se passava sem resposta e as mulheres continuavam chegando à minha
casa
Mulheres que queriam integrar-se sem perder seus costumes
Se soubesse como se faz isso!
Teria querido dizer a elas que às vezes sinto desejos de tirar tudo, o véu, a túnica... Por
uma saia curta e uma camiseta e que bata o sol por todo o corpo
Mas como vou dizer isso a elas!
Então tapo os meus ouvidos para não ouvir seus lamentos
Para não escutar os meus

E quando me acalmo, lhes falo do sol e lhes conto que os balanços do parque servem para que seus filhos sonhem em ser iguais
Elas se calam e me olham assombradas com o que lhes digo, mas ficam felizes por terem uma resposta
Ainda que seja inútil
Assim, cada dia invento um conto, uma história, um sonho, um jogo que cruza de uma margem à outra
Achei que minha casa ia se chamar a casa das lágrimas, mas no bairro passou a ser conhecida como a casa da esperança: Amal

ELVIRA

Contava os dias desde o nosso encontro
Matias havia extremado sua vigilância
E quando me olhava me fazia sentir culpada
Não se misture com essa gente Elvira
Eu sei o que te digo
Não se dá conta de como vivem?
Não tem mais que sentar aqui e olhar
Suas palavras e o desenho desse sol escuro e triste que há dias estava sobre a mesa de jantar foram meus conselheiros

AMAL

Desde nosso encontro
O homem da janela me seguia com o olhar por toda parte
Sentia seu nariz em meu corpo
Suas mãos em minha pele
Seus olhos em minha nuca
E me dava nojo
Algumas tardes ela se sentava ao seu lado com o olhar perdido
E pensei que tinha me enganado lhe pedindo ajuda
Quando passava próximo da janela meu pai fechava com raiva a cortina, mas em seguida a abria porque a luz para nós é um bálsamo contra a nostalgia

MATIAS

Mesmo que fechem as cortinas sei o que você faz
O cheiro do seu “narguilé” continua chegando até a mim
O som das suas rezas continua me aturdindo
O cheiro de suas mulheres abre as asas do meu nariz
como quando passeio pelo campo com meu cão e aparece uma presa
E anoto os dias e as horas
Os minutos nos quais acontece tudo

e construo uma história, minha história
A história dos que pensam como eu

ELVIRA

Às escondidas
Como uma fugitiva, li seu caderno
Seus olhos e meus olhos eram iguais, mas víamos coisas completamente diferentes
Quis lhe perguntar onde tinha visto tudo o que estava ali anotado
Você que não se inteira de nada! Pensei que me diria
Era como se eu visse uma noite estrelada e ele um dia de tempestade
Estarei enganada?
Mas lembrei do olhar de Amal e não me pareceu que pudesse fazer tudo o que contava
Matias nestas folhas
Senti que algo me separava dele
Algo que me afastava dessa cadeira, dessa janela, desse caderno
E me acostumei a olhar a esquina como um refúgio contra minha solidão e minha dor

AMAL

Mas aquele dia foi ela
Ela que me esperou
Ela que pôs seu dedo na boca
Senti seus olhos
Senti sua mão fria sobre a minha
Minha cara de assombro diante de sua proximidade inesperada
Olhei para o céu porque havia escutado minha oração
As gotas de chuva fizeram que nossos corpos se juntassem um pouco mais
Formando um estranho parêntese no tempo
Um parêntese que nada nem ninguém poderia interromper
O que queria me dizer?
“Insallah”
Por favor! Me diga que sim.

ELVIRA

Não disse nada, não podia
Acariciei suas mãos e fui embora
Ia lhe dizer
Por favor, me deixe em paz, deixe de olhar pra mim, mesmo que não me olhe!
Deixe de falar comigo, mesmo que não me fale!
Não vê que não posso fazer nada por ti!
Mas seus olhos tinham a claridade do sol de uma manhã morna
E os meus...

Não disse nada
Acariciei suas mãos e fui embora
E as gotas de chuva formaram um fio luminoso entre minhas unhas
Então senti que o sol negro que havia em meus olhos era capaz de sorrir
E corri assustada para casa

MATIAS

Você está bem?

ELVIRA

Entrei em casa rindo

MATIAS

Não sei porque ri, está empapada?

ELVIRA

É que saiu o arco-íris, você não viu?

MATIAS

Anda, deixa que eu te ajude

ELVIRA

Posso fazer isso sozinha

Teria querido que me secasse como quando no inverno chego molhada, gosto de sentir a força de suas mãos na minha pele, mas temi que olhasse nos meus olhos e descobrisse a mulher árabe

MATIAS

Ultimamente você sempre chega alterada

Evita meu olhar

Já não se interessa pela mulher muçulmana

Veja tudo o que eu anotei, é impressionante o que fazem esses tipos!

Você imagina Elvira no que posso me transformar!

ELVIRA

Mordi meu lábio. O que podia lhe responder!

Pensei no arco-íris e seus reflexo sobre as gotas de chuva nas minhas mãos

Gostaria de ter dito a ele como tinha sido bonita esta sensação, explica a ele que... Mas como podia explicar a chuva colorida em minhas mãos e meu novo encontro com Amal?

MATIAS

Gostaria de ter sentido seu corpo morno em minhas mãos, secando-o com a toalha, mas só lhe disse: hoje é sexta-feira vem comigo para a janela?

Às doze e meia, se lembra?

O dia que pegarem ela...

Onde acha que pode ir a essa hora?

Eu posso te dizer sem medo de me enganar

ELVIRA

Amal, gostaria de ter dito a ele, se chama Amal

Me disse no primeiro dia, mas agora...

Amal que significa esperança

Esperança de que?

Eu também não sei

Mas desvio de novo meu olhar e digo a ele que estou cansada

As crianças me esgotam

Que faço um esforço enorme para que esse menino deixe de chorar e aproveite

Esse do desenho, digo a ele

Serei uma mentirosa!

Eu não sei porque minto pra você Matias

Juro que te amo

Te amo Matias!

IV

ELVIRA

Após três dias fui capaz de sorrir

Não dizia nada, mas sorria

Tocava suas mãos pintadas

Sua pele escura quase áspera ao meu tato

E corria pra casa

No quarto dia, me deu os doces

AMAL

No terceiro dia, quando sorriu, eu soube o que fazer

Os doces de mel e pistache

Era exatamente nesse momento, nesses segundos em que sorria

que devia lhe dá os doces

Um segundo depois podiam cair no chão

Tão frágeis éramos

Estendi minha mão e respirei
Ela os tinha pego!

ELVIRA

Poderia te dar um pacote! Pensei nas palavras de Matias. O que faria então?
Um pacote! Tremi
Mas diante de seu sorriso e do meu já não havia espaço para recusas
O pacote ficou preso na minha mão e senti que algo amargo subia até minha boca e me deixava tonta
Matias tinha razão em tudo que havia anotado!
Me senti mesquinha e tola por ter duvidado dele
Então corri, corri enquanto as lágrimas se amontoavam em meus olhos
Por que? Porque comigo?

AMAL

la lhe dizer: são doces que se compartilha com alguém muito especial
Contigo. Quis lhe dizer
Mas ao vê-la correr entendi que nada tinha mudado
Uso véu e sou muçulmana, pensei, há mais alguma razão!

ELVIRA

Na escuridão da portaria olhei pra ele
Não podia entrar em casa com esse pacote!
E se...
Se Matias o visse?
Me vieram à cabeça todos os momentos agradáveis que tinha vivido nessa esquina
Nossa esquina, nosso refúgio
Um pacote!
Desabei: achei que éramos amigas!

MATIAS

Entrou em casa e vomitou
Elvira, você está bem?
É possível que esteja...
E eu aqui anotando, devo ser lerdo
Querida!

ELVIRA

Quando o abri no banheiro um raio de luz bateu no pacote
O resplendor de um fogo
E gritei

Depois me dei conta
Era o sol da tarde sobre alguns pequenos doces com mel
E ri e chorei ao mesmo tempo: Amal, Amal, Amal!

MATIAS

Elvira!
Me perdoe Elvira, eu o dia todo na janela e você...
Você...
Ria e chorava ao mesmo tempo
Balbuciava
E eu escutava tremendo do outro lado da porta
É o que eu estou pensando meu amor? Você não está bem?
Li numa revista que as mulheres grávidas riem e choram ao mesmo tempo.
Isso é verdade?
Eu jamais conseguiria fazer isso

ELVIRA

Um alarme falso
Só isso

MATIAS

Meu amor!
Eu quis abraçá-la

ELVIRA

Quis me abraças, mas
o caderno, as múltiplas canetas de cor colocados ordenadamente no bolso de sua camisa,
o binóculo e... meu casaco que coloquei em meu ventre
como uma barreira
o impediram

MATIAS

Quis abraçá-la
Dizer a ela: não se preocupe, logo virá Matias Jr.
Não era a primeira vez que tentávamos
mas suas mãos agarradas ao casaco como se estivesse apertando algo sobre o seu ventre
me impediram
tavez, se tivesse tirado o binóculo
Mas não me atrevi
Não quis saber o que era a perda dolorosa de algo seu que vai nascer

ELVIRA

Se tivesse, se tivesse...

Meu Deus, se tivesse estragado esses pequenos doces que parecem pequenos sois de primavera!

Pela manhã, guardava alguns doces no bolso do casaco

Ontem, sob a chuva, um pedaço de doce de pistache e mel foi como que percorria minhas entranhas

Hoje, na sombra da portaria, foi um pedaço de arame que me rasgava por dentro

Amanhã

amanhã, talvez cure essa ferida que se abriu em meu interior

V

AMAL

Me surpreendeu descobrir que somos iguais

Ela mente, eu minto

Ela cala, eu calo

Só me resta saber onde ela usa seu véu... Ela que não entende porque eu uso o meu

ELVIRA

Queria dizer a ela que sim, mas me faltava coragem

Sinto muito! Mas também não dizia isso a ela

Toda vez que comia um de seus doces, via sua cara de assombro ao me ver correr com o pacote

Aquele dia esperei por ela um pouco depois da esquina

Atrás da banca de revistas a vi chegar

Tiquei no seu ombro por trás

Teve um sobressalto, eu me assustei

Levava várias pedras na mão que ficaram estendidas no chão

Uma delas saltou até seus pés

Ametista, lhe disse

AMAL

Me assustei

Acho que meu pai mandou alguém pra me vigiar

Alguém que siga todos os meus passos

Alguém que lhe diga o que faço quando não estou perto dele

Meus livros caíram no chão e então vi seus sapatos

eram iguais aos meus!

Me deu uma vontade enorme de rir
Ela me disse algo sobre uma pedra que guardou em meu bolso
Eu lhe estendi um livro que levava e fui embora, não queria que tivesse problemas por
minha causa

ELVIRA

A ametista é uma pedra protetora
Ali, embaixo, de cócoras, a vida tem outro valor, pensei
Eu também ri ao ver seus sapatos junto ao meus
Somos tão diferentes, mas parece que temos o mesmo gosto em algumas coisas
Que horror! Se Matias nos visse com os mesmos sapatos
Meti a ametista no seu bolso e guardei outra pedra igual no meu
É protetora e transformadora, lhe fiz lembrar nesse espaço de ninguém
Esse espaço que havíamos criado para nós
Onde em um minuto se pode dizer tanta coisa...
Então me entregou o livro e foi embora.
Espere! Não vá embora!
Quero responder, mas não sou capaz, se tivesse dito a ela
Mas só me atrevi a olhar o livro que havia deixado em minhas mãos, li: “Maroc”

AMAL

Mas em seguida voltei sobre meus passos
Queria ver sua cara quando abrisse o livro
Marrocos, Al Maghreb Al Aksa
Minha terra
Um livro para que me conhecesse
E um papel

ELVIRA

Um papel que assinalava sua foto preferida
É bonita

AMAL

Me aproximei
É minha cidade

ELVIRA

Sua cidade?
Me faz lembrar... Esse mar!
Quando eu era pequena sonhava em dá um enorme salto e vê o que havia do outro lado
do mar

Amal riu.

AMAL

E aí, nesse momento
Algo se quebrou
Parte de sua resistência e a minha

ELVIRA

Passei a mão pela foto, por suas cores
Havia algo nessa luz que me fazia lembrar a cidade dos meus pais
Puro mediterrâneo
E novamente eu ri
Ela também
Juntamos nossas mãos e nesse momento soube o que ia acontecer
Meu coração batia com força, não sei porquê, mas batia como há tempos
Não quis pensar mais nesse momento, pois com certeza voltaria a sentir medo
E o medo? Para que serve o medo?

AMAL

Brinquei o dia todo com a pedra em minha mão
Reluzia com o sol
Ametista, recordei suas palavras
Apertei a pedra contra me peito
Assim me dava ânimo, segurança
Precisava acreditar em algo
Senti um calor morno
O mesmo calor do dia em que tínhamos nos olhado e sorrido
E seu me enganava?
Voltei a ter dúvidas
Depois, novamente o calor no meu peito
Estremeci
Brinquei com a pedra em minhas mãos
Até que o céu se escondeu e outra vez a escuridão voltou aos meus pensamentos

VI

MATIAS

Elvira estava transformada
Desde o caso do menino, seu rosto era outro

Tinha uma luz especial, brilhava e eu não entendia porque
Serio, você está bem?
Vou passar a ir te buscar todos os dias na creche, não quero que te aconteça nada
Lhe dizia uma e outra vez
Mas ela sorria e passava ao largo, como se minhas palavras não existissem
Me concentrei na mulher muçulmana
As quartas e quintas não me deitava até que chegasse de sua saída noturna
As noites me pareciam longas enquanto desenhava o ventre de uma mulher grávida ou
imaginava o sorriso de um bebê
ou pintava um berço que rabiscava no minuto seguinte com raiva
De vez em quando ia ao dormitório e velava seu sonho
Parecia tranqüila
Aquele dia, me sentei ao seu lado e acariciei seu cabelo

ELVIRA

Quando ele entrava no quarto eu fechava os olhos e fazia de conta que esta dormindo
Mas naquele dia se sentou na borda da cama e acariciou meu cabelo
Como fazia antes
Havia esquecido quão suaves podiam ser suas caricias
Matias!

MATIAS

Sim!

ELVIRA

Estou bem
Acariciei suas mãos

MATIAS

Tem certeza?

ELVIRA

Sim...
Escute!

MATIAS

O que?

ELVIRA

O binóculo refletiu tênues lampejos nas paredes do quarto
A lua tinha penetrado por um pedaço da janela

e então vi seu caderno e suas canetas e já não fui capaz de dizer nada
Obrigado!

MATIAS

Como não podia penetrar no coração de Elvira
comecei a pensar que tudo estava ali
nessa janela
Precisava encontrar a razão de minhas pesquisas
Um sinal
Algo que me indicasse que todos esses meses tinham valido a pena
Mas a única coisa que obtive foi uma saudação com a mão uma noite em que a mulher
muçulmana entrava na portaria
Seu rosto e meu rosto
Seus lhos e meus olhos
E sua mão de cumplicidade que me fazia um sinal
Cumplicidade por que?
E me senti ladrão de algo, mas não soube de que
Foi então que me inquietei ainda mais
Por um gesto?
Anotei em meu diário com a data, como se tivesse sido o princípio ou o final de alguma
coisa

ELVIRA

Então comecei a recitar uma oração que iria repetir durante várias noites
Matias,
Como posso te contar que gosto de me encontrar com a mulher muçulmana
que fui eu quem a parou a poucos dias
que agora cruzo com ela um dia sim e outro também
Que esperamos uma pela outra às escondidas
Que um minuto dá tempo para tantas coisas
Nem eu mesma entendo
Como vou explicar isso a você?
Gostaria de te dizer tudo
Matias...!
Te dizer que sinto falta de quando nos sentávamos juntos em frente à televisão
Ou quando você me ajudava a preparar o sanduiche do jantar
Desde que você está na janela, quase não nos vemos
E eu agora a única coisa que tenho na cabeça é Amal
Amal que me conta porque pinta as mãos
Henna!
Eu gosto de henna

Queria que pintasse meu corpo inteiro de rena com essas flores que se cruzam de um lado a outro
espirais que vêm e que vão
curvas que realçam suas curvas que sobem por seus pés e por suas mãos
e enlaçam seus tornozelos
E de dizer:
Você gosta Matias, gosta do meu corpo pintado com henna?
Mas já sei qual vai ser sua resposta

AMAL

Queria que pintasse seu corpo com henna
Lhe disse que cada desenho tem um sentido, um significado
Me dei conta que confiava nela
Por isso unimos nossas mãos, por isso eu pergunto e ela me responde
por isso esperamos uma pela outra uma tarde sim e a outra também
Escondidas
como adolescentes
Me apaixonei por um brasileiro, lhe disse entre sussurros, assustada
Nos vemos às quartas e quintas a partir das doze e meia da noite
Nesse momento é quando nasce a outra Amal
a que não tem medo de nada
nem sequer de se vê sem o véu

ELVIRA

Você está louca?
Sai sem véu?

AMAL

Louca, por que?
Você não usa

ELVIRA

É diferente, não? Você gosta de usá-lo. Fica bonita com ele
Me deixe ver seu cabelo

AMAL

Meu cabelo?
É escuro como o seu
Lhe mostrei um pouquinho através do lenço

ELVIRA

E seu namorado, como é?

AMAL

Se me acontecer algo

ELVIRA

O que pode te acontecer?

Senti o tremor em suas mãos, em sua boca

AMAL

Se me acontecer algo, por favor não se esqueça de mim

ELVIRA

Eu a abracei, um minuto passa tão rápido

Pensei no véu que usava tapando meu coração

E como Amal era valente tirando o seu por algumas horas

VII**MATIAS**

Tarde outra vez!

Outra vez o chá frio

Outra palavra cruzada que não termino, outra maldita palavra enganchada

Deve ter precisado cruzar a rua para não se encontrar com a mulher muçulmana,

Penso, ou quem sabe goste de se encontrar com ela, a muito...

Meu Deus, deveria ter ido buscá-la na creche todos os dias!

E novamente o gesto dessa mulher na minha cabeça

seu olhar para a minha janela

É nesse momento que compreendo

Compreendo porque já não quer se sentar comigo em frente à janela

Impossível, não pode me trair!

Seus olhos doces, sua boca

Nunca disse nada fora de tom

Não...? Ou sim

Porque se esquiva de mim?

Por que vai dormir e me deixa só?

Por que já não é minha aliada frente a...

Minha aliada frente a que?

E sinto medo de não voltar a escutar sua risada pela manhã
Ou seu olhar cálido quando me diz que o café já está pronto

ELVIRA

Matias tinha mudado
Olhava pra mim com outros olhos
Me tratava de outra maneira
Estava tão preocupada com Amal
em entendê-la e me entender
que tinha me esquecido de Matias
Eu era outra e ele... ele não tinha percebido, com certeza!
Me propus que, essa tarde, quando chegasse, tomaria o chá novamente com ele, que
Matias, o que aconteceu?
O chão derramado, a xícara em pedaços

MATIAS

Escorreguei
Se tivesse lhe olhado nos olhos teria quebrado a chaleira também

ELVIRA

Recolhi os cacos como quem recolhe um pedaço de sua vida
Acho que cheguei tarde, me disse, mas não lembro de ter sentido nada

MATIAS

Tinha que fazer isso
Não gostava, mas era necessário
Me aborrecia por pensar assim, mas...
Se fica sabendo não me perdoará nunca
No dia seguinte, procurei um lugar onde não me visse
Escondido como um ladrão vulgar
Quem imaginaria!
Me chamei de porco, mas fiquei ali, muito quieto
E esperei
Esperei que desse seis horas e um minuto
Me senti miserável
Vi Elvira passar
Meu Deus! Parava na esquina
O que eu suspeitava
Me traiu!
Meu Deus, me traiu!
Contive minha raiva

Meu coração saltava
Depois continuou
Olhou para todos os lados e continuou
A mulher muçulmana não apareceu
Olhou para trás uma única vez
Terei me enganado? Terei me enganado? Implorei aos céus
Depois corri, não queria que suspeitasse

ELVIRA

No dia seguinte esperei por ela na esquina
Tinha que lhe avisar que achava que Matias suspeitava
Que não tínhamos muito tempo
Por isso levava em minha mão o papel em que havia escrito “Sim”
Que queria ajudá-la
Integrar crianças é meu trabalho, queria dizer a ela, sei do que está me falando
às seis e um minuto
Mas ela não apareceu
e duvidei
talvez...!
duvidei
Voltei novamente a olhar pra ver se aparecia no último minuto
Tinha tanta vontade de lhe dá minha resposta!
Levava no meu bolso há vários dias!
Voltei a olhar porque tinha sentido olhos em minha nuca e pensei que podia ser ela
Seu segredo está a salvo comigo, apertei o papel
Mas não havia ninguém
Ninguém
E fui tremendo pra casa

AMAL

Aquele dia saí tarde
Havia discutido com meu pai
Lhe disse que sabia quem me vigiava e riu
Lhe disse que não pensava em deixar meu trabalho, que antes... Antes...!
Dava no mesmo
Que tinha feito de errado?
Seis horas e dois minutos
Nem rastro de Elvira
Meu coração se nublou
Por um minuto nada mais
Quanto vale um minuto? Pensei

E não voltei a olhar pra trás

ELVIRA

Aquela noite Matias não me disse nada
Tinha vomitado outra vez e deixou que me deitasse
O papel em minha mão
O vazio em meu coração
Como ia suspeitar que aquele vômito
que aquela raiva

MATIAS

Vomitou ao entrar pela porta
Eu tinha chegado correndo, estava alterado e não queria olhar nos seus olhos
Não havia preparado o chá
Entrou e vomitou aos meus pés
Não acreditava em nada
Tinha perdido a esperança
Bem, houve um segundo que pensei novamente
E depois... evaporou-se
Um sonho despedaçado
Como olhar para sua mulher depois de ter suspeitado dela?
Acompanhei-a até a cama
Me senti um merda
Como tudo pode se tornar tão diferente em um minuto

ELVIRA

Dois dias sem ver Amal
Seu pai a flagrou na quarta quando saía de noite
Tem um olho roxo, varias contusões
E uma perna engessada
Sinto falta do nosso minuto na esquina
Nossas meias palavras, nossos desejos
A resposta em um papel que ficou apodrecida em minhas mãos
Sim! Sim! Sim!
Um sonho despedaçado
Meu Sim

MATIAS

Vi tudo pela janela
Como numa sequencia de cinema mudo, mas sentia em meu corpo quedera verdade
Tinha querido gritar que parasse

Sufocava

Tapei os olhos, mas não movi nem um músculo

Retorci minhas mãos e calei

Como calam os vermes

Algo saltava por dentro

Algo que não sei o que é

Bati no peito e chorei porque não tinha sido capaz de chamar a polícia

AMAL

Por favor, se está me vendo

faça alguma coisa

Por favor! Sei que me observa da janela

Encostei minha mão no vidro para que não esquecesse

Estou aqui!

Mas no final

Só pude me transformar num novelo até que terminassem os golpes

ELVIRA

Você viu tudo, não é verdade?

MATIAS

Me calei

ELVIRA

Viu o que acontecia, você estava olhando pela janela esta noite e não me avisou!

Você é um escroto!

Segurança nacional!

O que você fez Matias!

Está apaixonada por um brasileiro e encontra com ele as quartas e quintas depois das doze e meia

É ai...

Lembrei das palavras de Amal e engoli a saliva

Meu Deus! É ai que nasce a outra Amal

Escroto!

MATIAS

Me calei

Me calei três vezes como um Pedro qualquer

O galo não cantou, mas senti seu bico afiado recordando-me o que eu era

E me dei conta que tinha perdido para sempre aquilo que mais tinha amado na vida

Essa noite, sentado no mesmo lugar de sempre

Observando a mesma rua de sempre
Pensei nas minhas anotações que não serviam de nada
Em minhas horas mortas defendendo Deus sabe o que
Rasguei folha por folha, e a cada uma, uma lagrima que borrava as palavras
Minhas palavras
Até que cheguei à anotação da saudação, a senha, o olhar, minha janela
A mulher árabe olha para minha janela e cumprimenta, são quatro da madrugada
A frase foi transformada em um bolo de tinta
Ali soube, ali, que aquela saudação que tinha feito a mulher árabe e que tinha
interpretado como uma senha
Não tinha sido pra mim
Não tinha sido dirigida a mim
E o sorriso voltou à minha boca e o sangue ao meu coração

VIII

ELVIRA

Dez dias sem ver Amal
A esquina parece vazia
Nesse pedado de vidro que me separa dela, encontrei a resposta
No abismo entre nossos dois mundos
Na proximidade de nossas mãos
Na fronteira de algo que não se pode expressar porque se desconhece e permanece
adormecido
Na janela, pensei
E o Sim ficou jogado ao lado da cadeira onde tantas noites tinha se sentado Matias

MATIAS

Elvira passava as tardes ocupando meu lugar
Escrevia em um caderno frases que me pareciam sem sentido
Um dia tirou uma pedra do seu bolso e esteve toda a tarde brincando com ela
Decidi que tinha que agir
Na quarta-feira seguinte desci à rua as doze e meia da noite
Elvira, está me ouvindo?
Dormia
Em poucos minutos um garoto fumando, a expressão triste, os olhos
Os olhos dirigidos a uma janela
Você não imagina qual?
Não gostaria de ajudá-la?

Falei com ele, contei tudo
Falou comigo, me contou tudo
Era ele, claro!
As lágrimas rolavam por sua face e compreendi que a amava de verdade
Se amam, Elvira!
Não vai acreditar quem é o menino, é do bairro!
Você o viu centenas de vezes
Esta garota é especialista em esquinhas, você não acha?

AMAL

Quando me recuperei, meu pai me proibiu de ir ao trabalho
Sair de casa sem acompanhante
Não serviu de nada que suplicasse, chorasse, que argumentasse
Minha mãe que nunca dizia palavra, disse algo parecido com cale-se!
Assim permaneci: calada frente à janela
Mas a janela me parecia tão pequena frente ao mundo que tínhamos criado em nossa
esquina
Nunca tinha olhado através dela desta maneira
Agora era eu
Eu a que bisbilhotava, eu a que apontava
Elvira sentada na cadeira da qual me olhava seu marido
Elvira com o olhar ausente
Buscava em seus gestos, em seu olhar minha resposta para poder continuar
Elvira que não me vê
Elvira, estou aqui! Olha pra mim! Sou eu Amal! Amal...
Uma xícara de chá que esfria ao seu lado
Um xale sobre os ombros
O silêncio atroz que cai com a noite
Matias, Matias que já não anota nada
Que não olha nada
Só para sua mulher com um gesto desesperado quase infantil
Eu também quero um xale sobre os ombros e um chá mesmo que esfrie
Eu também quero o beijo na fronte e o calor de umas mãos
Eu também quero...
Meu mundo que se afoga que se quebra que morre

MATIAS

Sexta é o dia mais simples
É seu dia de oração
A mãe fora de casa, o pai na mesquita
Tudo anotado

Se repete sexta após sexta, não falha
Está vendo, estatística pura
O que você acha? Para que você acha que serviram minhas anotações afinal?
E ultimamente já não vêm mais mulheres, às sextas nunca
É simples
Não está contente? Olhe pra mim, meu amor. Não está contente?

ELVIRA

Por que?

MATIAS

Foi idéia do garoto, eu só lhe dei a pista
Uma saia comprida, talvez uns óculos que a ocultem, algo que cubra seu cabelo
Imagino que quer se despedir
Um minuto na esquina, em vossa esquina
Você me ajuda?

ELVIRA

E recordei
Ametista, lhe disse
Uma pedra protetora e transformadora, e aproximei sua mão do meu ventre
Essa mão que um dia me deu asco e que agora eu a sentia cálida e com força

AMAL

Eu sinto...!

ELVIRA

Mas se ainda nem sequer se move. Ri com vontade de sua idéia

AMAL

Mas sinto a vida que se expande
Estou feliz por você!

ELVIRA

Neste momento que sua mão e minha mão se acariciaram em cima do meu ventre
senti o desejo de lhe dizer tantas coisas
Mas minha boca emudeceu dias depois
Olhei para Matias
Em um minuto quer que eu te diga tudo que não te disse até agora?

MATIAS

Não temos mais tempo
Talvez não seja preciso dizer nada

ELVIRA

Você acha?

IX

ELVIRA

E ela o que disse?

MATIAS

Não disse nada
Olhou para a janela e se calou

ELVIRA

Em seguida compreendi: que tola tinha sido!
Olhei e ali estava Amal, não sei que Amal me olhava, tinham acontecido tantas coisas
Mas voltei a notar o mesmo calor do primeiro dia que nos conhecemos
Leve isto
Recolhi o papel que dias atrás quis lhe dar
Esse papel que havia permanecido aos meus pés sem que Matias tivesse se atrevido a tocar
Abri, li, e dobrei novamente com cuidado
Disse a ela que esta é minha resposta
Aproximei o papel dos meus lábios e notei o mel que tinha ficado grudado quando a escrevi
Respirei, respirei profundamente
Por fim uma lagrima caia pelo meu rosto e soube que era a despedida

Blackout

